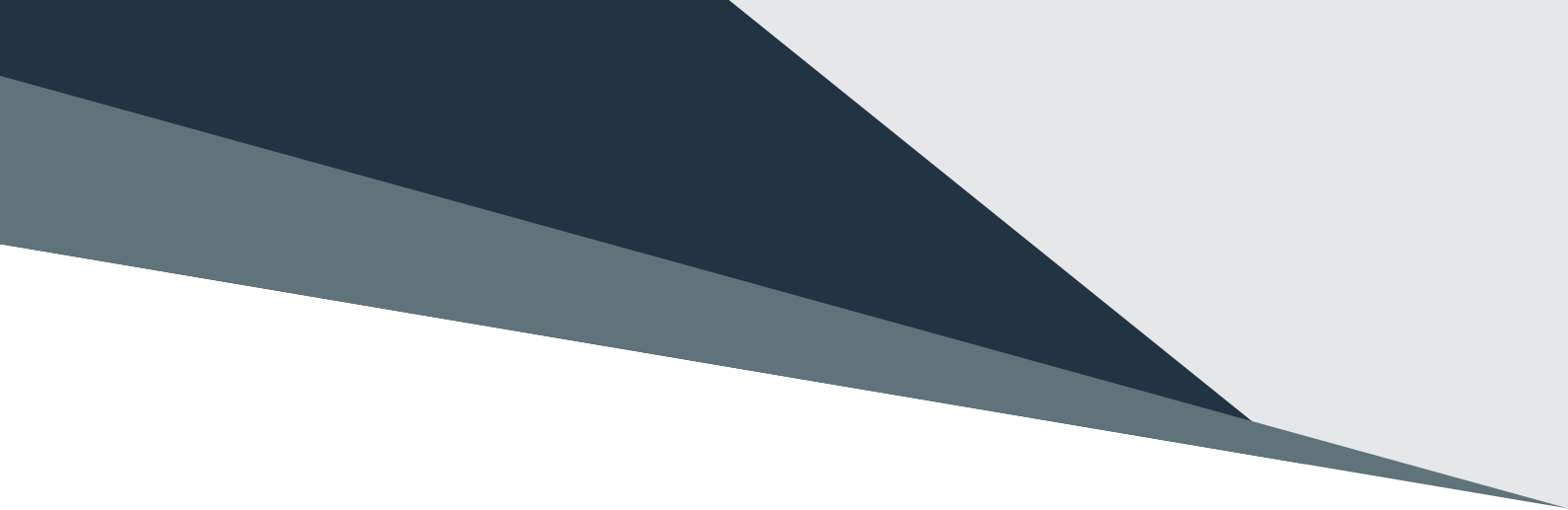




RELIGIÕES E RELIGIOSOS **AFROBRASILEIROS** EM FOLHETO DE CORDEL: DIVERSIDADE DE REPRESENTAÇÕES

ARTHUR VALLE

Historiador da Arte e Professor no Departamento de Artes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade (PPGPACS-UFRRJ) e no Mestrado Profissional em História UFRRJ. Doutorou-se em 2007 pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e realizou estágios pós-doutorais na Universidade Federal Fluminense e no Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa/Portugal. Seus temas de pesquisa principais são: Identidades nas artes visuais; Iconografia política; Culturas visuais afrobrasileiras; Intercâmbios artísticos transnacionais; Arte-Educação.



RESUMO

O TEXTO discute diversos modos como religiões e religiosos afrobrasileiros foram representados na literatura de cordel a partir da análise de um *corpus* de folhetos pertencentes ao Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular e à Fundação Casa de Rui Barbosa. Nos folhetos analisados, observa-se a existência simultânea de representações nas quais as religiosidades afrobrasileiras são entendidas como um valioso patrimônio cultural e de representações racistas, cujas origens remontam a tempos coloniais.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura de cordel. Religiões afrobrasileiras. Candomblé. Umbanda. Identidades nas artes.

ABSTRACT

THE PAPER discusses several ways in which Afro-Brazilian religions and religious were depicted in “Cordel” literature by analysing a corpus of “Cordel” booklets belonging to the Brazilian National Center for Folklore and Popular Culture and to the Casa de Rui Barbosa Foundation. In the analysed booklets, we can find depictions in which Afro-Brazilian religions are understood as a precious cultural heritage, as well as racist depictions, whose origins stretch back to Brazilian Colonial times.

KEYWORDS

“Cordel” Literature. Afro-Brazilian Religions. Candomblé. Umbanda. Identities in Arts.

O PRESENTE texto discute diversos modos como religiões e religiosos afrobrasileiros foram representados – através de palavras e de imagens - na literatura de cordel a partir da análise de um *corpus* de folhetos pertencentes ao Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular e à Fundação Casa de Rui Barbosa. A pesquisa nas “cordeltecas” dessas duas instituições por termos como “candomblé” e “umbanda” revelou mais de uma centena de referências. Embora a maioria destas seja ligeira e pontual, alguns folhetos – com destaque para os produzidos pelo poeta Rodolfo Coelho Cavalcante (1919-1986) – tem como seu tema principal religiões afrobrasileiras e/ou seus praticantes. Nos folhetos que aqui discutiremos, é possível observar a simultaneidade de representações que reiteram estereótipos racistas, cujas origens remontam a tempos coloniais, e de representações nas quais as religiões afrobrasileiras são entendidas como dignas de celebração.

CONCEITOS GERAIS, ACERVOS PESQUISADOS, TERMOS DE BUSCA

Como nosso título adianta, procuraremos aqui refletir sobre a diversidade de representações das chamadas religiões afrobrasileiras em folhetos de cordel. Por religiões afrobrasileiras, entendemos um complexo de diferentes práticas religiosas “desenvolvidas no Brasil [que] compreendem, principalmente, as várias vertentes de culto aos orixás e ancestrais iorubanos e voduns jêjes; o culto a ancestrais bantos e ameríndios; a umbanda; e outras formas sincréticas” (LOPES, 2011, pos.22171-22173).

Já os folhetos da chamada literatura de cordel são um dos aspectos mais notáveis de uma expressão cultural popular plurimidiática que abrange não apenas a poesia escrita, mas também a música e a imagem. Nesse sentido, além de referir as definições de literatura de cordel propostas pelos especialistas e pelos próprios cordelistas (LITERATURA de Cordel, 2018b, p.16-28), vale a pena transcrever a definição proposta pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) justamente quando a manifestação foi inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, em setembro de 2018¹:

Entre versos, rimas e cantoria, a Literatura de Cordel é uma expressão cultural popular que abrange não apenas as letras, mas também a música e a ilustração. [...] Apesar de ter começado no Norte e no Nordeste do país, o cordel hoje é disseminado por todo o Brasil, principalmente por causa do processo de migração de populações. [...]

A literatura de cordel é um gênero poético que resultou da conexão entre as tradições orais e escritas presentes na formação social brasileira e carrega vínculos com as culturas africana, indígena e europeia e árabe. Trata-se de um fenômeno cultural vinculado às narrativas orais (contos e histórias de origem africana, indígena e europeia), à poesia (cantada e declamada) e à adaptação para a poesia dos romances em prosa trazidos pelos colonizadores portugueses. Os poetas brasileiros no século XIX conectaram todas essas influências e difundiram um modo particular de fazer poesia que se transformou numa das formas de expressão mais importantes do Brasil.

O cordel se inseriu na cultura brasileira em fins do século XIX, forjado como a variação escrita da poesia musicada por duplas de cantadores de viola, de improviso, conhecida como *repente*. A expressão literatura de cordel não se refere num sentido estrito a um gênero literário específico, mas ao modo como os livros eram expostos ao público. (LITERATURA de Cordel, 2018a)

1

O requerimento para abertura de processo de registro da literatura de cordel foi feito pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel em 2010, tendo o processo recebido o no. 01 450.008598/201 0-20. Os principais documentos relacionados ao registro são: o Dossiê de Registro da Literatura de Cordel, datado de 2018; o Parecer Técnico nº 1/2018/DIPESQ CNFCP/CNFCP/DPI, de 5 jul. 2108; e o Parecer do Conselho Consultivo assinado pelo relator Ulpiano T. Bezerra de Meneses, de 19 set. 2018, que reconhece a literatura de cordel como patrimônio cultural brasileiro e propõe sua inscrição no Livro de Registro das Formas de Expressão.

Abordamos o vastíssimo *corpus* de folhetos de cordel através da pesquisa em duas coleções específicas. A primeira é a Cordelteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), que conta com um sítio eletrônico disponibilizando seu acervo. Neste, somos informados de que a Cordelteca do CNFCP é um

acervo digitalizado com recursos da Fundação Vitae, é composto por títulos de folhetos de cordel provenientes, em sua maioria, de pesquisas de campo e doações de cordelistas.

Além da diversidade temática (cantorias, desafios, cangaço, religiosidade popular, fatos políticos, do cotidiano, entre outros), destacam-se autores consagrados e vários títulos raros – alguns datam de 1908. (CORDELTECA, [s.d.])

A segunda coleção que consultamos é o “Acervo de Literatura Popular em Versos” da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), que também disponibiliza para consulta, em sítio eletrônico próprio, versões digitalizadas de seus folhetos. Ali, pode-se ler uma apresentação que informa:

o Acervo de Literatura Popular em Versos da Fundação Casa de Rui Barbosa, o maior da América Latina, atualmente com mais de 9.000 folhetos de cordel foi formado a partir da década de 1960 e, dessa iniciativa resultou uma extensa bibliografia, composta de catálogos, antologias e estudos especializados. (APRESENTAÇÃO, [s.d.])

Juntas, as coleções de folhetos digitalizados e disponibilizados pelo CNFCP e pela FRCB contam com milhares de exemplares. A fim de permitir uma sondagem desse gigantesco *corpus* no que diz respeito às religiões afrobrasileiras, decidimos, em um primeiro momento, usar apenas dois termos de busca: “candomblé” e “umbanda.” Esses termos se referem a duas das mais famosas religiões afrobrasileiras e nossa hipótese era a de que, ao buscarmos por eles, encontraríamos um número de folhetos suficientemente amplo

para uma primeira aproximação que permitisse constatar tendências gerais no que tange à representação de religiões e religiosos afrobrasileiros. Como veremos abaixo, a grande quantidade de títulos encontrados comprova que nossa hipótese estava correta.

Em sua *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*, o artista, sacerdote e investigador de culturas africanas e afrobrasileiras Nei Lopes define “candomblé” como

o nome genérico com que, no Brasil, a partir da Bahia e desde o início do século XIX, se designa o culto aos orixás jejes-nagôs bem como algumas formas dele derivadas, manifestas em diversas “nações.” Por extensão, o nome designa também a celebração, a festa dessa tradição, o xirê e o local onde se realizam essas festas. (LOPES, 2011, pos. 6031-6033)

Já por “umbanda,” Lopes compreende uma

Religião brasileira de base africana, resultante da assimilação de diversos elementos, fundamentando-se em cultos bantos aos ancestrais e na religião dos orixás jejes-iorubanos. Segundo alguns de seus teóricos, sincretizou-se com o hinduísmo, dele aceitando as leis que envolvem carma, evolução e reencarnação; com o cristianismo, seguindo principalmente suas normas de fraternidade e caridade; além de receber influências da religiosidade ameríndia. Em seus templos são realizadas sessões, em geral semanais, nas quais o transe mediúnico é provocado por cânticos e toques de tambor. Incorporados, os espíritos dos pretos velhos, caboclos e crianças, bem como os exus, dão consultas aos fiéis. (LOPES, 2011, pos. 26124-26129)

Os verbetes de Lopes indicam bem como os termos “candomblé” e “umbanda” remetem a religiões muito distintas, que comportam em si muitas subdivisões importantes: “nações,” “linhas,” etc. Vale notar que a consciência de tal distinção não é clara no *corpus* de folhetos de cordel consultado,

nos quais “candomblé” e “umbanda” por vezes se encontram subsumidos a noções estereotipadas de religiosidade afrobrasileira.

As buscas feitas na Cordelteca do CNFCP retornaram 81 ocorrências para o termo “candomblé” e 51 ocorrências para o termo “umbanda.” Já as buscas feitas no acervo da FCRB retornaram 34 ocorrências para o termo “candomblé” e 10 ocorrências para o termo “umbanda.” Como resume a **Tabela 1** abaixo, obtivemos, portanto, um total de 176 ocorrências que serviu como ponto de partida para as considerações que apresentaremos nas seções seguintes.

TABELA 1

Número de ocorrências dos termos “candomblé” e “umbanda” obtidas através da busca direta nos sítios eletrônicos da Cordelteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular e do “Acervo de Literatura Popular em Versos” da Fundação Casa de Rui Barbosa

	CORDELTECA CNFCP	ACERVO FCRB
“candomblé”	81	34
“umbanda”	51	10
TOTAL	132	44
	176	

Vale notar que esse montante de ocorrências não corresponde ao total de folhetos efetivamente analisados, que é *menor*. Isso se deve ao fato de que cada folheto pode conter mais de uma ocorrência de “candomblé,” de “umbanda” ou mesmo a ocorrência simultânea dos dois termos de busca. Além disso, alguns folhetos encontrados na Cordelteca da CNFCP foram também encontrados no acervo da FCRB. Após essas definições gerais, passaremos a considerar, no que segue abaixo, o conteúdo de alguns folhetos encontrados em nossas buscas.

DIVERSIDADE DE REPRESENTAÇÕES

Uma análise da maneira como as religiões afrobrasileiras são tratadas nesse *corpus* relativamente extenso de folhetos de cordel revela grande heterogeneidade de juízos de valor. Isso

é compreensível se lembrarmos de ao menos três fatores: (1) os autores identificáveis dos folhetos pertencem a diferentes gerações; (2) esses autores nasceram em diferentes localidades brasileiras; (3) o recorte temporal abrangido pelos folhetos encontrados é grande, se estendendo pelo menos dos anos 1960 aos anos 2000². Portanto, não surpreende que preconceitos racistas sobre as religiões afrobrasileiras sejam afirmados lado a lado com representações nas quais estas últimas sejam entendidas como dignas de celebração.

O racismo com relação às religiões afrobrasileiras têm uma longa história. Eles já são explicitamente afirmados em punições e/ou restrições de culto encontradas em legislações dos períodos colonial (como as chamadas *Ordenações Filipinas*) ou imperial (como na *Constituição Política do Imperio do Brazil*, de 1824). Nesse sentido, vale remeter aos estudos que apresentam evidências da violenta repressão que se abateu sobre as religiões afrobrasileiras já nos primeiros séculos posteriores ao encontro colonial (SOUZA, 1986; REIS, 2016). Todavia, foi sobretudo a partir da proclamação da República, em novembro de 1889, que a repressão contra as religiões afrobrasileiras se expressou de modo mais sistemático.

Embora a primeira Constituição republicana, promulgada em fevereiro de 1891, teoricamente assegurasse liberdade de culto (CONSTITUIÇÃO, 1891, Art. 71, § 3º), o primeiro código penal republicano - datado ainda de outubro de 1890 - reiterava valores culturais que embasaram uma constante perseguição policial às religiões afrobrasileiras. Até os anos 1940, estas foram frequentemente enquadradas pelos artigos relativos aos chamados “crimes contra a saúde pública” (DECRETO Nº 847, Capítulo III), em especial o Art. 157, que punia a prática do espiritismo, da magia e dos sortilégios com fins escusos, e o Art. 158, que punia a prática do curandeirismo. Eivada pelo racismo e por preconceitos etnocêntricos, a maior parte da intelectualidade brasileira das pri-

2

Como boa parte dos folhetos não é datada, apenas investigações ulteriores poderão precisar a real extensão desse recorte temporal.

meiras décadas da República só conseguia compreender as religiosidades brasileiras como produtos de uma parcela da população entendida como “inculta,” “primitiva” ou “bárbara – em suma, como produtos merecedores de serem expurgados do tecido social brasileiro.

Expressões literárias precoces de racismo e preconceito podem ser encontradas nos escritos do literato Xavier Marques que desde finais dos anos 1890 abordava, com pioneirismo, a influência das práticas religiosas afrobrasileiras sobre a “classe média” da cidade de Salvador (OLIVEIRA, ROCHA, 2016), um trabalho que culminou em seu clássico romance *O Feiticeiro*, publicado originalmente na forma de folhetim em 1914 (MARQUES, 2017). Racismo e preconceito também constituem a tônica da célebre série de cinco reportagens do escritor João do Rio sobre as práticas religiosas afrobrasileiras, publicada originalmente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em março de 1904³. Durante as primeiras décadas do séc. XX, o racismo e o preconceito contra as religiões afrobrasileiras foram amplamente reiterados e podemos re-encontrá-los em parte da produção da literatura de cordel.

Nessa seção, vale a pena citar ao menos um exemplo de interpretação muito negativa das religiões afrobrasileiras, expressa tanto em versos quanto em imagem. Ele se encontra no folheto intitulado *O bode preto foi dançar no candomblé – novas diabruras do bode misterioso*, assinado pelo cordelista Mané Passarinho ([19--]). Esse folheto narra como “paes de santo | Lá nas bandas do coité” invocam um bode preto demoníaco, “misterioso e terrível | Malvado, forte e sagaz,” a fim de sacrificá-lo. O bode preto de fato se manifesta, “dançando todo dengoso | com os quartos remexendo | parecendo mané gostoso” (PASSARINHO, [19--], p.2). Com sua astúcia, porém, o bode escapa da armadilha, não sem

3

Na ordem de publicação, essas reportagens intitulavam-se: *Os feiticeiros* (9 mar. 1904); *As “Yauô”* (12 mar. 1904); *O feitiço* (14 mar. 1904); *A casa das almas* (16 mar. 1904); *Os novos feitiços do Sanin* (29 mar. 1904). Agrupadas sobre a rubrica “No mundo dos feitiços”, essas reportagens faziam parte do célebre “inquérito” *As religiões no Rio*, publicado em forma de livro em dezembro de 1904 (RIO, [1906]).

antes criar um verdadeiro pandemônio entre os membros do “candomblé.”

Embora reprodução que dispomos da ilustração de capa do exemplar pertencente ao CNFCP [Fig. 1a] é de baixa resolução, nela pode-se identificar o bode preto ao centro, dançando sobre suas duas patas traseiras, cercado por figuras de mulheres e homens negros acorados. A ilustração parece reinterpretar o conhecido tema do *sabá* de feitiçarias, muito comum na cultura visual europeia moderna, e que é bem exemplificado por algumas obras do pintor espanhol Francisco de Goya, como a pintura *O sabá das bruxas* (1797-98) [Fig. 1b]. Os estereótipos sobre a feitiçaria e sua suposta inversão de práticas civilizadas – por exemplo, animais são representados eretos e reverenciados, enquanto as posturas e feições dos humanos conotam animalização – se encontram também presentes no folheto de Mané Passarinho. Embora este enfatize os resultados cômicos da intervenção do bode no “candomblé,” ele não esconde uma visão extremamente racista a respeito das práticas religiosas afrobrasileiras.

FIGURA 1A

Capa de: PASSARINHO, Mané. *O bode preto foi dançar no candomblé – novas diabruras do bode misterioso*. Salvador: Tip. Moderna, [19--]. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, C2381

FIGURA 1B

Francisco de GOYA (1746 – 1828)

O sabá das bruxas, 1797-1798
Óleo sobre tela, 43 x 30 cm
Museu Lázaro Galdiano, Madrid



Todavia, como adiantamos, representações positivas das religiões afrobrasileiras são também frequentes nos folhetos de cordel. Nesse sentido, nossa hipótese é de que boa parcela dos cordelistas foi sensível a uma nova e mais positiva postura sobre a problemática do negro e de suas manifestações culturais que se afirmou no Brasil sobretudo a partir dos anos 1940 e 1950 e que, “segundo José Jorge Siqueira, ‘arrolou intelectuais, instituições, projetos, criações artísticas e movimentos culturais capazes de lhe dar dimensão nacional’” (CONDURU, 2007, p.65).

Ainda que de modo ligeiro e pontual, religiões afrobrasileiras aparecem com muita frequência nos folhetos de cordel como, por exemplo, atributos característicos e louváveis de localidades e/ou personalidades que os cordelistas desejam celebrar. Alguns exemplos devem bastar aqui para demonstrar tal afirmação. O cordelista Rafael de Carvalho (1965, estrofe 47), em um folheto que apresenta uma verdadeira viagem em versos por todo o Brasil, dá destaque ao candomblé como manifestação cultural típica da Bahia, de modo análogo ao que fazem Abraão Bezerra Batista (1984, p.7) em seu folheto *Um cearense na Bahia*, ou Hildemar de Araújo Costa ([s.d], p.1) em seu folheto *Bahia de Todos os Santos*. Já Gonçalo Ferreira da Silva ([s.d.], p.6), em folheto intitulado *Meu Grande Rio*, elenca tanto o candomblé quanto a umbanda como alguns dos “muitos costumes” que marcam a riqueza cultural do Estado do Rio de Janeiro.

Ainda mais frequente é a associação do candomblé e/ou da umbanda com importantes personalidades da cultura brasileira. Assim, por exemplo, em um folheto de Raimundo Santa Helena (1983, p. 5) publicado logo após a morte da famosa cantora Clara Nunes, é recordado que ela “[...] era kardecista | Frequentava Candomblé | Respeitava a Umbanda | Em Deus ela tinha fé.” Em um folheto sobre o contista baiano Vasconcelos Maia, Rodolfo Coelho Cavalcante (1981, p.4) afirma que Maia era “[...] Filho de Santo, até, | Falando de Candomblé | É por demais instruído,” e complementa que: “Falando de Candomblé | Com seus deuses africanos | Maia conhece os mistérios | Melhor que muitos baianos” (Ibidem, p.5). Toda uma página do folheto de Cavalcante é, inclusive,

dedicada a um famoso livro de Maia sobre as religiões afro-brasileiras na Bahia. Como canta o cordelista, “Maia desde a Introdução | Oferece um calendário | De melhor orientação | Das festas quem aprecia | O Candomblé da Bahia | De completa Informação” (Ibidem, p.7).

O escritor Jorge Amado e o pintor Carybé – ambos artistas celebrados e ligados ao mesmo Vasconcelos Maia⁴ – são também estreitamente associados às religiões afrobrasileiras em alguns folhetos de cordel. Por exemplo, os “títulos africanos | Da linha do Candomblé” escritos por Jorge Amado são exaltados por um cordelista que assina com as siglas LVPQ ([19--]). Já Carybé, artista de naturalidade argentina, teria se “torn[ado] baiano” através de sua iniciação no candomblé, como defende Rodolfo Coelho Cavalcante em outro de seus cordéis. Fazendo referência explícita a Oxossi (o orixá iorubano da caça e dos caçadores) e a Ogum (orixá guerreiro, mestre do ferro e, por consequência, associado ao desenvolvimento tecnológico), Cavalcante assim canta sobre Carybé: “Oxosse lhe disse: –Meu filho | Você é do Candomblé. | Precisa se batizar | Para aumentar sua fé... | Nisto Ogum lhe respondeu: | –Meu Filho, você é meu, | És baiano, Caribé!” (CAVALCANTE, [19--], p.3)

REPRESENTAÇÕES CONTRADITÓRIAS NA OBRA DE RODOLFO COELHO CAVALCANTE

O fato de que o *corpus* de folhetos de cordel aqui em questão apresenta apreciações muito diversas de religiões e religiosos afrobrasileiras é demonstrado da maneira talvez mais eloquente quando encontramos apreciações contraditórias na obra de um único poeta. É bem esse o caso do já citado Rodolfo Coelho Cavalcante, nascido na cidade de Rio Largo/Alagoas, em 1919, e falecido em Salvador, em 1986 (PINTO, [s.d.]). Cavalcante foi um líder da classe dos poetas populares e uma ativista que lutou pelos seus direitos. Foi sobretudo um dos mais ativos cordelistas brasileiros do séc. XX, cuja exten-

4

Nesse sentido, vale lembrar que uma das edições do *ABC do Candomblé* de Maia ([1977?]) tem apresentação de Jorge Amado e ilustrações de Carybé.

sa produção tem uma importância comparável a de outros mestres como Leandro Gomes de Barros ou João Martins de Athayde. Durante sua longa carreira, Cavalcante parece ter nutrido um interesse perene pelas religiosidades afrobrasileiras, que chegaram a constituir o tema central de alguns de seus folhetos. Esse interesse foi, inclusive, detectado por seus pares, como Hildemar de Araújo Costa que, em um folheto intitulado *A Bahia a Rodolfo Coelho Cavalcante*, destaca como o “belo versar” desse último sobre a cidade de Salvador muito enfatizava os “mitos do Candomblé” (COSTA, 1980, p.6).

Em um bom número de suas obras, Cavalcante reitera os estereótipos racistas sobre as religiões afrobrasileiras comuns desde o começo da República. Um dos folhetos mais explícitos nesse sentido é intitulado *ABC da Macumba*. Encontramos duas edições diferentes desse ABC... nos acervos pesquisados, ambas não datadas⁵. Uma das edições pode ser encontrada tanto no acervo da FCRN quanto na Cordelteca do CNFCP, e é seguida por outro poema bastante preconceituoso intitulado *As proezas de um pai de santo*. Além disso, as duas edições do *ABC da Macumba* têm ilustrações de capa muito diversas, a respeito das quais valerá a pena nos determos.

Em seu *ABC...*, Cavalcante usa o termo “macumba” em uma acepção até hoje usual, i. e., como um “nome genérico, popular e de cunho às vezes pejorativo com que se designam as religiões afro-brasileiras” (LOPES, 2011, pos.15652-15653). Uma equivalência estereotipada entre “macumba” e “candomblé” é afirmada logo na estrofe “A,” quando o poeta diz que “a ‘Macumba’ para mim | É o candomblé na Bahia” (CAVALCANTE, [s.d.], LC 2093, p.1). A lista de orixás exposta na estrofe “D” reforça esse vínculo com o candomblé, ao passo que a referência a caboclos e preto-velhos feita na estrofe “E” remete, antes, a entidades espirituais mais associadas à umbanda.

Ainda na estrofe “A,” o caráter supostamente maléfico das religiões afrobrasileiras é claramente afirmado. Nas palavras de

5

É possível que o folheto pertencente à Casa de Rui Barbosa tenha sido publicado 1949, uma vez que, na página 9, há uma referência ao “4º. Centenário da Bahia.”

Cavalcante, a “macumba” é nada menos do que “A festa dos ‘paes de santo’ | Chefe da Feitiçaria | Faz tudo quanto bem quer | Com seu instinto cruel | Na arte da bruxaria” (CAVALCANTE, [s.d.], LC 2093, p.1). As estrofes seguintes do *ABC...* seguem nessa tônica, atualizando uma série de preconceitos que podem ser encontrados já nas referidas obras de Xavier Marques e João do Rio. Para Cavalcante, por exemplo, o “pae de santo” é descrito como um personagem venal e sem escrúpulos, que se locupleteia com pagamentos em troca de seus trabalhos espirituais.

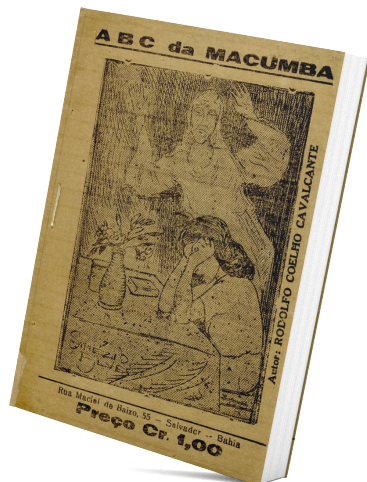
No *ABC da Macumba*, as liturgias afrobrasileiras são caracterizadas pela irracionalidade. Nelas, os fieis se animalizam, como quando, por exemplo, é descrita uma cerimônia durante a qual “As filhas com as mães de santo | Caíram no chão ciscando | Outras se remexendo | Um preto velho gemendo | Saltou na roda pulando” (CAVALCANTE, [s.d.], LC 2093, p.3). As religiões afrobrasileiras, subsumidas ao rótulo “macumba,” pejorativamente empregado, são reiteradamente associadas a potências demoníacas: seus fieis “tem arte com o maldito” e “pratica[m] o mal” (CAVALCANTE, [s.d.], LC 2093, p.7). Esses mesmos fieis correm, por fim, o risco de enlouquecer, como um certo Zé Macário de Arueira referido por Cavalcante, que após “se valer do feitiço | [...] morreu doido no hospício” (CAVALCANTE, [s.d.], LC 2093, p.8).

As ilustrações de capa das duas edições do *ABC da Macumba* que consultamos são mais ambivalentes no que diz respeito à valoração das religiões afrobrasileiras. A primeira delas, pertencente a um folheto encontrado no acervo da FCRB, é uma gravura em metal assinada por Sinézio Alves [**Fig. 2**], que parece ter pouca ou nenhuma relação com a “macumba” como descrita nos versos de Cavalcante. A imagem mostra em primeiro plano uma mulher sentada, vista de perfil, com as mãos na cabeça, aparentemente muito concentrada. Justaposta à essa mulher, vemos ao fundo uma figura espectral, que recorda a de Jesus Cristo. A ilustração de capa parece remeter, de fato, às práticas mediúnicas do chamado “espiritismo de mesa” kardecista. Cremos que o fato de que uma ilustração aparentemente inadequada aos versos de Cavalcante tenha sido usada para ilustrá-los pode ser entendido, em certa me-

dida, como um indício da relativa desconsideração que os editores do folheto nutriam pelas religiões afrobrasileiras.

FIGURA 2

Capa de:
CAVALCANTE,
Rodolfo Coelho.
ABC da Macumba.
Salvador: [s.n.], [s.d.].
Fundação Casa de
Rui Barbosa, LC 2093

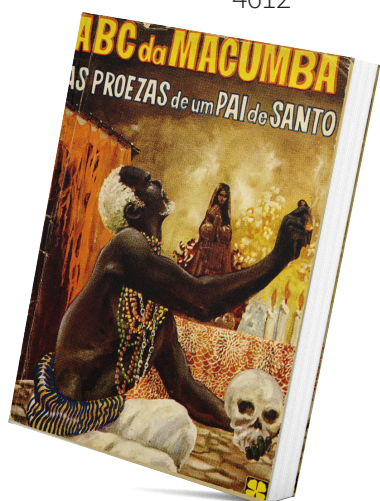


A ilustração da capa da outra edição do *ABC da Macumba* que encontramos é muito diferente da referida gravura de Sinézio Alves. Trata-se de uma ilustração colorida, sem indicação de autoria, que mostra um homem negro de compleição robusta, com barba e cabelos brancos [Fig. 3]. Aparentemente ajoelhado e elevando para os céus o seu olhar, o personagem segura na mão direita um charuto e na esquerda uma caveira; sobre seu atlético dorso nu – não desprovido de uma

carga erótica – pode-se ver muitos fios de conta, de variadas cores. Como já referimos, essa edição do *ABC...* é seguida por um outro poema intitulado *As proezas de um Pai de Santo*, no qual a visão negativa sobre os sacerdotes afrobrasileiros presente no *ABC...* é retomada e detalhada em dezenas de estrofes. A ilustração colorida parece, portanto, se referir ao pai de santo cujas “proezas” são descritas nesse segundo poema – e não ao *ABC da Macumba* propriamente dito.

FIGURA 3

Capa de:
CAVALCANTE,
Rodolfo Coelho.
ABC da Macumba
* *As proezas de um Pai de Santo*.
São Paulo: Editora
Prelúdio Ltda., [s.d.].
Fundação Casa de
Rui Barbosa, LC
4612



Além de remeter explicitamente às religiões afrobrasileiras, essa imagem dialoga com a iconografia cristã. Os cabelos e barba branca do “pai de santo” lembram os dos Preto Velhos, espíritos de negros escravizados que comumente “baixam” nas liturgias umbandistas. Mas o fato de o personagem segurar um crânio em uma das mãos, interpelar os céus e exibir seu torso nu recorda igualmente representações de santos eremitas como São Jerônimo ou Santo Onofre – que, no panteão umbandista de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, são sincretizados respectivamente com os orixás Xangô e Omulu. A escultura mostrada ao fundo, mais ou menos no centro da ilustração, igualmente contribui para o seu caráter iconograficamente híbrido, sincrético. A figura feminina ali representada, com as mãos em posição de oração diante do peito, certamente lembra imagens de Nossa Senhora Aparecida; todavia, ao menos no nosso entender, os seus traços e a

sua coloração marrom-avermelhada evocam também algumas imagens de Pombagiras, entidades espirituais femininas que se manifestam na umbanda, onde desempenham funções litúrgicas muito diversas. O fato desse folheto de Cavalcante ter sido editado em São Paulo pode explicar em parte a “contaminação” da ilustração de sua capa por elementos da umbanda, uma vez que essa religião tinha uma presença muito forte no Estado já desde ao menos meados do séc. XX (ORTIZ, 1999).

Na contramão de *ABC da Macumba* ou *As proezas de um Pai de Santo*, a análise de outros folhetos assinados por Cavalcante revela visões bem mais positivas das religiões afrobrasileiras. Além das referências pontuais que citamos na seção anterior, há ao menos uma obra de Cavalcante na qual o candomblé é o tema principal e elogiado sem reservas. Trata-se do folheto intitulado *Segredos e Mistérios do Candomblé*, editado pela primeira vez em 2006, em Salvador, na forma de fac-símile do original datilografado pelo próprio Cavalcante. Todavia, como é explicado na *Apresentação* dessa edição (MATOS, 2006), o folheto foi na verdade concebido muito antes, em 1984 – ou seja, apenas dois anos antes da morte do poeta. O original datilografado ostenta o número de série “1.690,” o que nos dá uma ideia do quão extensa foi a produção cordelista do poeta.

O tom de *Segredos e Mistérios do Candomblé* é de tal modo contrário aos dos folhetos que discutimos acima que poder-se-ia pensar que não foram escritos pelo mesmo autor. Certamente, o poeta pode ter mudado suas opiniões e não se deve descartar a possibilidade de que a obra seja fruto de uma eventual encomenda. O fato é que, ao contrário dos juízos negativos anteriores, abundam agora expressões como “ricos,” “ciência,” “tradição,” “linda aquarela,” “bela,” “competente,” etc. Vale a pena reproduzir uma das estrofes em sua íntegra, para termos uma ideia do respeito quase reverencial com o qual Cavalcante descreve, nessa obra tardia, um terreiro e os “mistérios” nele performados: “Naquele ambiente místico | Tudo é com ordem e respeito, | Porque a Sacerdotisa | Quer o seu Culto perfeito. | Dentro da maior decência | Exige a conveniência | De acordo com o preceito” (CAVALCANTE, 2006, p.3).

**FIGURA 4**

Capa de:
CAVALCANTE,
Rodolfo Coelho.
*Segredos e Mistérios
do Candomblé*.
Salvador: Secretaria
da Cultura e
Turismo/Fundação
Cultural do Estado
da Bahia, 2006.
Centro Nacional de
Folclore e Cultura
Popular, C5414

Após falar sobre as liturgias, as sacerdotisas, a música, etc., Cavalcante encerra *Segredos e Mistérios do Candomblé* apresentando algumas das principais divindades do panteão candomblecista. O tom segue muito respeitoso, mas o cordelista acentua uma clara intenção didática. A ilustração de capa da edição do folheto aqui em questão reitera esse didatismo [Fig. 4]. Ela se encontra dividida em doze espaços por uma grade ortogonal, cercada por uma moldura de cor ocre. Cada um dos espaços abriga uma representação muito sintética, quase arquetípica, de um orixá, acompanhada por uma breve legenda escrita.

Os doze orixás figurados – boa parte dos quais são descritos mais demoradamente nos versos de Cavalcante – são assim identificados: Ogum – Orixá da Guerra; Iemanjá – Orixá da Maternidade (Rainha das Águas Salgadas); Omulu – Orixá da Cura; Oxalá – Orixá da Criação; Iansã – Orixá que comanda os Ventos; Xangô – Orixá do Trovão; Oxóssi – Orixá da Caça e dos Caçadores; Oxum – Orixá das Águas Doces; Ossaim – Orixá que conhece os Segredos das Plantas Medicinais; Oxumaré – Orixá que controla a Mobilidade do Cosmos; Nanã – Mãe dos Orixás; Exú – Orixá . Divindade Intermediária entre os Orixás e Homens

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creemos que nossa discussão de alguns folhetos de cordel levantados demonstra o quão diversas podem ser as representações de religiões e religiosos afrobrasileiros no corpus dessa forma de expressão popular. As razões por trás desses contrastes parecem ser fatores acima adiantamos, como a diversidade de autores e o largo recorte temporal implicado pelos folhetos selecionados. Além disso, a discussão sobre os folhetos de Rodolfo Coelho Cavalcante feita na seção anterior sugere uma explicação adicional. Se considerarmos que *Segredos e Mistérios do Candomblé* é uma obra tardia e que *ABC da Macumba* e *As proezas de um Pai de Santo* plausivelmente foram elaborados bem antes, é possível supor que Cavalcante tenha, com o passar dos anos, mudado suas opiniões sobre as práticas religiosas afrobrasileiras, rumo a uma maior tolerância. Nesse sentido, ele teria acompanhando a tendência,

acima referida, de apreciação francamente positiva dessas práticas que é perceptível entre uma parcela das elites intelectuais brasileiras, sobretudo a partir dos anos 1940.

Seria essa uma tendência geral entre os cordelistas? É impossível afirmar, no estado atual de nossas investigações. Cremos que a discussão dos folhetos de Cavalcante demonstra bem o quanto somente análises individualizadas de cada folheto poderão, eventualmente, precisar as razões para trás da heterogeneidade valorativa que procuramos aqui destacar. Essa é uma tarefa que não cabe nos limites do presente texto, mas que temos a intenção de desenvolver em trabalhos futuros.

Cumpre lembrar, por fim, que nosso levantamento não teve a pretensão de ser exaustivo. Investigações ulteriores utilizando outros termos de busca ligados às religiões afrobrasileiras – e. g. “macumba,” “batuque,” “xangô” – certamente contribuirão para ampliar a diversidade de representações de religiões e religiosos afrobrasileiras que foi nosso tema no presente texto. De modo análogo, a pesquisa em coleções de folhetos de cordel de outras instituições, como a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, é necessária para verificar em que medida as hipóteses que levantamos se sustentam ou necessitam ser reelaboradas. Essa é outra tarefa que pretendemos desenvolver em investigações futuras.

REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO. **Cordel Literatura Popular em Verso**, [s.d.]. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/apresentacao.html> Acesso em 1 out. 2018.

CONDURU, Roberto. **Arte Afro-Brasileira**. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

CONSTITUIÇÃO da República dos Estados Unidos do Brasil (de 24 de fevereiro de 1891). Disponível em: <http://goo.gl/Dj8kTE> Acesso em 1 out. 2018.

CORDELTECA. **Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular**, [s.d.]. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=65 Acesso em 1 out. 2018.

DECRETO Nº 847, DE 11 DE OUTUBRO DE 1890 Promulga o Código Penal. Disponível em: <http://goo.gl/pOaDu8> Acesso em 1 out. 2018.

LITERATURA de Cordel agora é Patrimônio Cultural do Brasil. **IPHAN**, 13 set. 2018 [2018a]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4819> Acesso em 1 out. 2018.

LITERATURA de Cordel. Dossiê de Registro. Brasília, 2018 [2018b]. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf) Acesso em 1 abr. 2019.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana** [recurso eletrônico]. 4ª. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

MARQUES, Xavier. **O feiteiro**. São Paulo: COM-ARTE, EDUSP, 2017.

RIO, João do. **As religiões no Rio**. – 2ª. ed. – Paris; Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro Editor, [1906].

MAIA, Vasconcelos. **ABC do candomblé**. Salvador: Carlito Editor, [1977?]

OLIVEIRA, Marcelo Souza; ROCHA, Rafael Rosa. Boto & Cia nos “domínios da feitiçaria:” Xavier Marques e suas representações sobre candomblé na Bahia (1890-1920). In: DAIBERT JR., Roberto; DAIBERT, Barbara Simões (org.). **Nas bolsas de mandinga: religiosidades afro-brasileiras em narrativas literárias**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, 2016, p.223-248.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.

PARECER do Relator. Assunto: Solicitação de registro da “Literatura de Cordel” como patrimônio cultural brasileiro. Rio de Janeiro, 19 set. 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/cordel.pdf> Acesso em 1 abr. 2019.

PARECER Técnico nº 1/2018/DIPESQ CNFCP/CNFCP/DPI. Rio de Janeiro, 5 jul. 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer%20T%C3%A9cnico%20DPI\(4\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer%20T%C3%A9cnico%20DPI(4).pdf) Acesso em 1 abr. 2019.

PINTO, Maria Rosário. Biografia. Rodolfo Coelho Cavalcanti. **Cordel Literatura Popular em Verso**, [s.d.]. Disponível em: http://www.casaruiarbosa.gov.br/cordel/RodolfoCoelho/rodolfoCoelho_biografia.html Acesso em 1 abr. 2019.

REIS, João José. Revistando Magia Jeje na Bahia. in: COSTA, Valéria; Gomes, Flávio. (org.) **Religiões Negras no Brasil: da escravidão à pós-emancipação** [recurso digital. Formato: epub]. São Paulo: Selo Negro, 2016.

RIO, João do. **As religiões no Rio**. – 2. ed. – Paris; Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro Editor, [1906].

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

FOLHETOS DE CORDEL CONSULTADOS

BATISTA, Abraão Bezerra. **Um cearense na Bahia**. Juazeiro do Norte: [s.n], 1984. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, C0147.

CARVALHO, Rafael de. **Conheça o nosso Brasil**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1965. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, C0515.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **ABC da Macumba**. Salvador: [s.n.], [s.d.]. Fundação Casa de Rui Barbosa, LC 2093.

_____. **ABC da Macumba * As proezas de uma Pai de Santo**. São Paulo: Editora Prelúdio Ltda., [s.d.]. Fundação Casa de Rui Barbosa, LC 4612.

_____. **Carybé: o artista que se tornou baiano pela lei, pela arte e pelo povo**. Fundação Cultural do Estado da Bahia, Núcleo de Pesquisa e Cultura da Literatura de Cordel, [19--]. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, C1616.